



QUADRO DE ENGENHEIROS MILITARES

- Importância e Recrutamento

• Clóvis Pinto Ilha

Os recentes combates nas Malvinas e no Oriente Médio ressaltaram a importância crescente e, cada vez mais, decisiva da tecnologia inserida no material bélico. Levaram-nos também ao inevitável questionamento: estará o Exército brasileiro em condições de cumprir sua destinação constitucional, no que se refere à defesa externa?

Não é fácil responder a esta pergunta; dependerá da natureza e das dimensões da ameaça. De qualquer forma, hoje em dia, podemos considerar como forte o Exército que estiver atualizado tecnologicamente, o que não constitui privilégio das grandes potências. Aí estão Israel e África do Sul.

Análise da Situação

Se o nosso Exército não está em dia com o estado-da-arte em tec-

nologia de emprego militar, e acreditamos que há um longo caminho a percorrer, possui, entretanto, as estruturas e os recursos humanos necessários. As estruturas, representadas principalmente pelo CTEEx — Centro Tecnológico do Exército e pela IMBEL — Indústria de Material Bélico do Brasil, ainda carecem de ampliação e principalmente dinamização, o que, de alguma forma vem sendo feito.

Quanto aos recursos humanos, aspecto crítico dessa problemática, estamos em boa situação. Possuímos um QEM — Quadro de Engenheiros Militares, com potencial apreciável, que, se bem explorado, poderá atender às necessidades do Exército, em tecnologia de emprego militar.

Possuímos, também, a escola de formação desses engenheiros, o IME — Instituto Militar de Engenharia — respeitado pela excelên-

cia de seus cursos, capaz de formar os artífices desse desenvolvimento tecnológico, na quantidade e com a qualidade que se fizeram necessárias.

Os efetivos previstos nos Quadros de Organização e Distribuição e os existentes são adequados; há previsão, entretanto, de que a existência venha a declinar muito rapi-

damente a partir de 1983, em consequência do perfil de composição do QEM e da grande redução havida nos últimos anos no número de oficiais matriculados nos cursos de graduação do IME.

A maior evasão, em razão do perfil de composição do QEM, pode ser vista no quadro abaixo, onde se constata que a maior par-

Quadro de Distribuição dos Efetivos do QEM

Turma de Formação	Existente em 31 Dez 81		Existente em 31 Dez 82	
	QTD	Percentual (%)	QTD	Percentual (%)
1951	2	0,32	1	0,16
1952	1	0,16	—	—
1953	3	0,48	1	0,16
1954	2	0,32	1	0,16
1955	7	1,11	3	0,47
1956	12	1,89	11	1,72
1957	8	1,26	8	1,25
1958	6	0,95	3	0,47
1959	8	1,26	7	1,14
1960	38	5,99	37	5,77
1961	27	4,26	25	3,90
1962	71	11,19	70	10,91
1963	74	11,66	73	11,37
1964	76	11,97	76	11,84
1965	51	8,04	51	7,95
1967	59	9,30	59	9,19
1968	36	5,67	36	5,61
1969	21	3,31	21	3,28
1970	45	7,09	47	7,32
1971	40	6,30	42	6,55
1972	22	3,47	25	3,90
1973	21	3,31	24	3,74
1974	5	0,79	12	1,87
1975	—	—	9	1,41
Totais	635	100%	642	100%

Fonte: Almanaque do Pessoal Militar do Exército — Oficiais 1982.

te dos oficiais são das turmas de 1960 a 1971, que a partir de março de 1983, de uma maneira geral, começam a atingir o tempo de serviço mínimo, que permite o exercício do direito de transferência para a reserva.

As evasões previsíveis são de tal magnitude, que podem comprometer os planos de pesquisa e desenvolvimento em andamento ou em vias de implementação.

As providências que urge tomar devem ser suficientemente objetivas e eficazes, e representar solução definitiva.

Soluções Possíveis

A solução mais simples seria aumentar o número de vagas oferecidas nos concursos de admissão ao 3º ano do IME, às quais concorrerem, mediante condições pré-estabelecidas, os oficiais oriundos da AMAN. Isto, entretanto, só pode ser feito com o sacrifício de outras áreas, pois o universo de seleção é insuficiente para suprir todas as necessidades. O Exército cresceu, não tanto quanto desejável, mas cresceu, particularmente quanto a funções de oficiais de carreira, e o número de aspirantes-a-oficial formados pela Academia Militar diminuiu, mercê do aumento na duração dos cursos (de 3 para 4 anos) e da manutenção da capacidade máxima da AMAN.

Já não há mais as turmas enormes do nosso tempo. É difícil para nós, que tivemos o acesso aos postos superiores retardado, em virtude dos efetivos elevados formados a cada ano, acreditar que agora,

não tantos anos depois, essa situação tenha se invertido.

Por outro lado, o QEM é peça essencial para atingirmos o objetivo permanentemente perseguido, de obtenção de um Exército eficaz, em condições de cumprir suas destinações constitucionais. Dessa forma, é justo que o QEM participe com uma parcela maior na divisão do bolo, representada por um substancial aumento no número de vagas do 3º ano do IME, oferecidas em concurso aos oficiais oriundos da AMAN.

As necessidades, entretanto, são de tal ordem (cerca de 70 por ano, a partir de 1985), que esse aumento de vagas, mesmo que substancial, representará apenas parte da solução, pois não poderá ser tão grande que cubra, por si só, as evasões previstas. Acreditamos que este tipo de recrutamento deve atender a uma fração não menor do que 30% das necessidades.

É preciso que se diga que estamos entre os que consideram o esquema vigente de recrutamento para o QEM como o ideal, pela perfeita integração existente entre oficiais engenheiros militares e oficiais combatentes, produzidas pela origem comum. Lamentavelmente, pelas razões citadas, terá que haver uma segunda fonte de recrutamento, que só pode ser representada pelos alunos oriundos do meio civil que entram, mediante concurso, para o 1º ano do IME, transformado agora em escola cativa, formando exclusivamente engenheiros militares para o Exército.

A experiência com as 2 (duas) turmas do Curso Técnico da

AMAN (15 Fev 55 e 06 Jan 56) foi extremamente positiva; seus integrantes, que se formaram no IME, tiveram a engenharia militar como formação inicial, e analisados hoje, mais de 27 anos depois, verifica-se que foram os melhores engenheiros militares que o Exército já teve. A existência de mais de uma fonte de recrutamento, para o QEM, está coerente com a tradição do Exército; na AMAN costumamos ter cadetes oriundos da Escola Preparatória, dos Colégios Militares, do meio civil e de escolas militares das outras Forças.

A contribuição do IME ao desenvolvimento científico e tecnológico do país, ainda está por ser avaliada, mas certamente foi muito grande e decisiva, em virtude do caráter pioneiro e do alto nível de seus cursos. Hoje, entretanto, a sua importância relativa é muito menor, mercê, graças a Deus, do grande desenvolvimento por que passa o País. Desta forma, transformar o IME em escola cativa, deixando de formar engenheiros para o meio civil, representará uma pequena perda para as atividades não militares, mas também

um grande e decisivo benefício para o Exército.

Por outro lado, os recursos aplicados na formação dos alunos do IME passarão a estar mais de acordo com a destinação precípua das sempre escassas verbas do orçamento do Ministério do Exército. A implementação dessa segunda linha de recrutamento pode ser feita de maneira semelhante à que faz o Ministério da Aeronáutica com os alunos de origem civil do ITA — Instituto Tecnológico de Aeronáutica — que se destinam ao seu Quadro de Engenheiros.

Durante o Curso Básico, o aluno oriundo do meio civil cursará simultaneamente o NPOR, sendo, ao final do 2º ano, declarado aspirante-a-oficial da Reserva, e como convocado cursará os 3º, 4º e 5º anos do IME (juntamente com os oficiais oriundos da AMAN, aprovados no concurso para o 3º ano), e será, por ocasião da formatura, promovido a 2º tenente do QEM, agora da ativa.

Há um tempo certo para cada mudança, e acreditamos que, para o QEM, este tempo é agora.



O Major Clovis Pinto Ilha pertence ao Quadro de Engenheiros Militares e possui os cursos de formação da Academia das Agulhas Negras, de graduação do Instituto Militar de Engenharia (Engenheiro de Comunicações) e de altos estudos militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Curso de Direção para Engenheiros Militares). Foi instrutor da AMAN, serviu na 5ª Cia Com, no SRME, na D Com e na DMCE. É professor em comissão do IME.